

13º Congresso de Inovação, Ciência e Tecnologia do IFSP - 2022

VIOLÊNCIA CONTRA A MULHER: UM ESTUDO SOBRE CRENÇAS E CONHECIMENTOS A RESPEITO DA VIOLÊNCIA DE GÊNERO A PARTIR DA PERSPECTIVA DE MULHERES E HOMENS

JENYFFER ANDRIELLY DE SOUZA¹, RENATA PLAZA TEIXEIRA²

¹ Discente do curso de Licenciatura em Pedagogia do IFSP, Câmpus Jacaré, Bolsista PIBIFSP, jenyffer.souza@aluno.ifsp.edu.br.

² Mestra e doutora em Psicologia pela USP, Docente do IFSP, Câmpus Jacaré, renata.plaza@ifsp.edu.br.

Área de conhecimento (Tabela CNPq): 7.07.05.00-3 Psicologia Social

RESUMO: Ser mulher na sociedade brasileira eleva as chances de sofrer diferentes tipos de violência. O objetivo geral deste trabalho é investigar, por meio da aplicação de questionário em mulheres e homens pela plataforma digital Google Forms, a percepção que têm sobre a violência de gênero. Tal questionário envolve perguntas fechadas e abertas sobre crenças e conhecimentos a respeito da violência contra a mulher, considerando questões de gênero e as especificidades do contexto da pandemia de COVID-19. A captação das pessoas para participar da pesquisa ocorreu por intermédio das redes sociais Facebook, Instagram e LinkedIn, bem como em grupos no aplicativo WhatsApp, sendo os resultados analisados de forma quantitativa e qualitativa. Espera-se, com esta pesquisa, ampliar a compreensão a respeito da violência de gênero com foco no que as mulheres e os homens conhecem e desconhecem a respeito desse tipo de violência e em suas crenças sobre o tema, buscando, a partir dos resultados, contribuir para melhorar as intervenções para um enfrentamento mais eficaz desse grave problema social.

PALAVRAS-CHAVE: violência de gênero; crenças sobre violência; assimetria de gênero; prevenção da violência.

VIOLENCE AGAINST WOMEN: A STUDY ON BELIEFS AND KNOWLEDGE ABOUT GENDER-BASED VIOLENCE FROM THE PERSPECTIVE OF WOMEN AND MEN

ABSTRACT: Being a woman in the Brazilian society increases the chances of suffering different types of violence. The general objective of this work is to investigate, through the application of a questionnaire to women and men through the Google Forms digital platform, the perception they have about gender-based violence. This questionnaire involves closed and open questions about beliefs and knowledge related to violence against women, considering gender aspects and the specifics of the context of the COVID-19 pandemic. The recruitment of people to participate in the research occurred through the social networks Facebook, Instagram, LinkedIn and WhatsApp. The results were analyzed quantitatively and qualitatively. It is hoped, with this research, to broaden the understanding of gender-based violence, focusing on what women and men know and do not know about this type of violence, as well as their beliefs on the subject, seeking to contribute to improve interventions for a more effective management of this serious social problem.

KEYWORDS: gender-based violence; beliefs about violence; gender asymmetry; violence prevention.

INTRODUÇÃO

As relações desiguais de gênero e a violência contra a mulher estão presentes em todas as classes e meios sociais, apresentando-se como algo cultural e estrutural. De acordo com Valença e Mello (2020, p. 1268), o fenômeno da violência doméstica perpassa todas as classes e, muitas vezes, os homens “ainda convivem com a vítima depois de vários episódios de agressão” (VALENÇA; MELLO, 2020, p. 1243). Segundo a “Lei Maria da Penha” (Lei nº 11.340/2006), a violência doméstica e familiar contra a mulher inclui “qualquer ação ou omissão baseada no gênero que lhe cause morte, lesão, sofrimento físico, sexual ou psicológico e dano moral ou patrimonial” (Lei nº 11.340/2006, art. 5º). Violência intrafamiliar é “toda ação ou omissão que prejudique o bem-estar, a integridade física, psicológica ou a liberdade e o direito ao pleno desenvolvimento de outro membro da família”, podendo ser cometida dentro ou fora do ambiente doméstico por algum membro da família, incluindo pessoas que assumem função parental, mesmo que sem laços de consanguinidade (VIOLÊNCIA..., 2002). A violência doméstica difere da intrafamiliar por “incluir outros membros do grupo, sem função parental, que convivam no espaço doméstico. Incluem-se aí empregados, pessoas que convivem esporadicamente, agregados” (VIOLÊNCIA..., 2002). A violência intrafamiliar e a doméstica frequentemente se sobrepõem.

De acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), a violência contra a mulher, quando cometida pelo parceiro de relacionamento, pode causar danos físicos, psicológicos e sexuais, sendo que pesquisas indicaram que de 20% a 60% das vítimas não contaram a terceiros a respeito da violência que sofreram e que, apesar de 48% delas terem relatado a necessidade de receberem cuidados, somente 36% procuraram ajuda profissional (OMS, 2014, p. 13). Isso demonstra a subnotificação de casos de violência contra a mulher, já que muitos não chegam a ser notificados às autoridades competentes.

Pretende-se, por meio desta pesquisa, aprofundar a compreensão a respeito de assimetrias de gênero, relações de poder, crenças e conhecimentos de mulheres e homens sobre violência de gênero, considerando concepções gerais e especificidades relacionadas ao contexto da pandemia de COVID-19, supondo que tais crenças e conhecimentos apresentam correlação com a violência contra a mulher. Também objetiva-se identificar eventuais lacunas e distorções nessas crenças e conhecimentos, contribuindo, dessa forma, para melhorar as estratégias de prevenção da violência de gênero.

MATERIAL E MÉTODOS

A motivação inicial para a elaboração deste estudo consistiu em dar continuidade à pesquisa realizada pela autora, em conjunto com sua orientanda, intitulada “Violência doméstica e intrafamiliar contra a mulher: prevenção, encaminhamentos e impactos em sua vida no âmbito pessoal e no profissional”, que envolveu entrevistas com profissionais que prestam atendimento às vítimas em serviços público. Após a realização de tal pesquisa, constatou-se a necessidade de investigar a percepção de mulheres e homens sobre a violência de gênero e assim ampliar a visão sobre esse grave problema social a fim de contribuir para a construção de estratégias mais eficazes de enfrentamento.

A fim de alcançar compreensão mais aprofundada sobre violência contra a mulher, além de levantamento teórico sobre o tema, optou-se pela realização de pesquisa de campo com início em 10/09/2022 e previsão de encerramento em 30/09/2022, consistindo na aplicação de um questionário construído na plataforma digital Google Forms, com perguntas fechadas e abertas, cujo *link* foi disponibilizado via redes sociais Facebook, Instagram, LinkedIn e WhatsApp, acompanhado de explicação sobre a pesquisa e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). A primeira parte do questionário contém cinco perguntas para coleta de informações a respeito das condições socioeconômicas e educacionais da pessoa participante e a segunda parte contém 18 perguntas sobre crenças e conhecimentos relativamente a questões de gênero e de violência, sendo 14 de múltipla escolha e quatro abertas. O questionário foi criado com base nos estudos realizados por Almeida (2007), que buscaram investigar as relações existentes entre as crenças sociais acerca das diferenças entre homens e mulheres e a percepção da violência do homem contra a mulher, e o trabalho pioneiro de Leitão (1991), que procurou “conhecer as crenças resultantes das experiências de vida com que cada mulher respondente construiu seu modelo de mundo” por meio de questionário aplicado tanto em mulheres que sofreram agressão de seus maridos quanto em mulheres que não sofreram agressão.

Esta pesquisa foi aprovada em 04/07/2022 pelo Comitê de Ética em Pesquisa (CEP) do IFSP, conforme Parecer Consubstanciado do CEP, com Certificado de Apresentação para Apreciação Ética (CAAE): 58744822.9.0000.5473 e Número do Parecer: 5.507.287.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

O questionário foi divulgado nas redes sociais para participação a partir de 10/09/2022, estando ainda disponível em 25/09/2022, data da finalização do presente resumo expandido. Apresentamos aqui, portanto, dados parciais, com uma primeira interpretação dos resultados.

No total, 114 pessoas responderam o questionário, das quais 76,3% se identificaram como mulheres, 21,9% como homens e 1,8% como pessoas não binárias. De acordo com dados da Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua (PNAD Contínua) de 2019, o número de mulheres no Brasil é superior ao de homens: 51,8% x 48,2% (IBGE EDUCA, 2022). Segundo levantamento pioneiro realizado pela Universidade Estadual Paulista (UNESP), publicado em 2021 na *Nature Scientific Reports*, “Cerca de 2% da população adulta brasileira são pessoas transgênero e não binárias – ou seja, se identificam com um gênero diferente daquele que lhes foi atribuído ao nascer ou não se percebem como pertencentes exclusivamente ao gênero feminino ou masculino” (IBDFAM, 2022). Mesmo sendo a presente pesquisa aberta a todas as pessoas interessadas e amplamente divulgada em redes sociais, houve expressiva maior participação de mulheres do que de homens. Algumas hipóteses podem ser aventadas para explicar essa diferença, tais como, por exemplo: maior número de mulheres acessou o questionário nas redes sociais, o título da pesquisa reverberou como sendo assunto a respeito do qual as mulheres devem opinar ou, então, os homens não se interessam tanto por pesquisas sobre violência contra a mulher. Esta última hipótese é preocupante, já que é fundamental que homens estejam também implicados em pesquisas e estratégias de prevenção à violência de gênero.

Quanto à violência contra a mulher durante a pandemia de COVID-19, 88,6% dos participantes da pesquisa afirmaram acreditar que os casos de violência doméstica aumentaram durante a pandemia. O levantamento do Datafolha “Visível e invisível: a vitimização de mulheres no Brasil”, de 2021, aponta que “4,3 milhões de mulheres brasileiras de 16 anos ou mais (6,3%) foram agredidas fisicamente com tapas, socos ou chutes. Isso significa dizer que a cada minuto, 8 mulheres apanharam no Brasil durante a pandemia do novo coronavírus” (LIMA, 2021). Historicamente, em contextos de crise na sociedade, ocorre “aumento de violações aos direitos das mulheres, adolescentes e meninas e, principalmente, o crescimento da violência doméstica e familiar” (DEFENSORIA..., 2020, p. 2).

Ademais, 90,3% de todos os participantes informaram já terem presenciado algum ato de violência contra a mulher, seja como vítima ou como testemunha da ação violenta, e 81,6% responderam já terem sentido medo de saírem sozinhas. Quando comparamos o público feminino e o masculino, 91,9% das mulheres afirmaram já terem sentido medo de saírem sozinhas em alguma ocasião contra 44% dos homens.

O Atlas da Violência 2020 informa que houve aumento de 4,2% nos assassinatos de mulheres entre 2008 e 2018 (ATLAS..., 2020, p. 37), tendo sido registrado que, do total de mulheres vítimas de homicídio no Brasil, 68% eram negras. Por sua vez, o relatório “O papel da arma de fogo na violência contra a mulher”, produzido pelo Instituto Sou da Paz, indica que “a participação da violência armada vitimando mulheres dentro de casa ganhou importância nos últimos anos, aumentando de 19% em 2014 para 26% em 2019”, sendo que “a residência é o local de morte por agressão com arma de fogo de apenas 11% dos homens, enquanto é o local da morte por agressão com arma de fogo de 1/4 das mulheres” e “mulheres negras foram 70,5% das vítimas de agressão com armas em 2019, resultando em uma taxa de mortalidade duas vezes maior do que a de não negras” (INSTITUTO..., 2021).

Relativamente ao machismo, 95,4% das mulheres e 56% dos homens que participaram desta pesquisa afirmaram se sentirem ameaçados por ele, indicando que o machismo estrutural afeta não somente as mulheres, mas também os homens. É digno de nota, ainda, que 94,7% do total das pessoas participantes responderam acreditar que mulheres têm menos oportunidades sociais do que homens, 93,9% afirmaram que homens têm salários mais altos do que mulheres, 71,9% afirmaram que o provedor principal em sua casa de infância era um homem e 99,1% informaram que, em sua casa de infância, uma mulher era a principal responsável pelos cuidados e pelos afazeres domésticos. Estes resultados indicam percepção, por parte dos respondentes, de intensas assimetrias de gênero. MacKinnon (1987) afirma que a opressão exercida pelos homens sobre as mulheres encontra-se primariamente na violação sexual, ocorrida por meio de violência doméstica, estupro, abuso sexual de crianças, assédio sexual, prostituição não-voluntária e pornografia. Assim sendo, a violência está na base das assimetrias de gênero e, portanto, somente com sua superação será possível alcançar a igualdade.

Estes são dados parciais prévios, acompanhados de uma primeira análise estatística descritiva e interpretação dos resultados. Os dados levantados serão analisados de maneira mais ampla e profunda

após o encerramento da pesquisa de campo, previsto para acontecer em 30/09/2022. Quanto às respostas às perguntas abertas, tais como “Para você, o que é violência contra a mulher?” e “Na sua opinião, por que muitas mulheres não chegam a denunciar casos de violência para as autoridades?”, a análise qualitativa do conteúdo será baseada em Bardin (2016) e ocorrerá por meio da investigação de aspectos relevantes presentes nas narrativas das pessoas participantes, buscando captar os sentidos por elas apresentados para os fenômenos estudados.

CONCLUSÕES

Esta análise inicial dos dados parciais indica que a violência de gênero, em suas diversas manifestações, parece apresentar correlação com as crenças e os padrões de gênero associados ao comportamento dos membros de uma sociedade, permeando raça, gênero e classe social. A pesquisa demonstra percepção de maior vinculação das mulheres com os cuidados e afazeres domésticos, sendo que o espaço doméstico é ambiente onde frequentemente ocorre violência de gênero. Estudos informam que, durante o distanciamento social vivenciado em decorrência da pandemia de COVID-19, quando as pessoas permaneceram por mais tempo dentro de suas casas, houve aumento de violência contra a mulher (LIMA, 2021; DEFENSORIA..., 2020), pois as vítimas de violência passaram a estar trancafiadas com os agressores. A presente pesquisa corrobora a percepção, por grande parte dos participantes (88,6%), de que houve aumento da violência doméstica durante a pandemia.

Concluimos que as mulheres que responderam ao questionário *online* desta pesquisa, independentemente de suas diferenças, de modo geral apresentaram experiências semelhantes quanto à presença da violência de gênero em suas vidas, bem como a serem afetadas pelo machismo estrutural e pelas assimetrias de gênero.

E, por fim, concluimos também que a reduzida participação dos homens nesta pesquisa, comparativamente à participação das mulheres, aponta para a necessidade de maior sensibilização e conscientização por parte deles quanto à importância de que sejam aliados no combate à violência em todos os âmbitos sociais, sendo a presente pesquisa um convite nesse sentido.

AGRADECIMENTOS

Gostaríamos de agradecer a todas as mulheres e homens que participaram da pesquisa *online* de forma voluntária, bem como ao IFSP pelo apoio, pela concessão da bolsa de Iniciação Científica e pela avaliação do Projeto de Pesquisa por parte de seu Comitê de Ética em Pesquisa (CEP). Gostaríamos, também, de fazer um agradecimento especial a todas as vítimas de violência de gênero, cuja existência, resistência e enfrentamento ao preconceito, à misoginia, ao sexismo e aos diversos atos de violência nos mobilizaram a elaborar este estudo. Às que insistem em existir e resistir, bem como às que infelizmente tiveram suas vidas ceifadas, dedicamos nosso trabalho.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Juliana Barbosa Lins de. **Crenças sociais acerca das diferenças entre homens e mulheres e suas relações com a percepção da violência do homem contra a mulher**. João Pessoa, PB, 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia Social) – Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes (CCHLA) da Universidade Federal da Paraíba (UFPB), 2007. Orientador: Prof. Dr. Joseli Bastos da Costa. Disponível em: <https://repositorio.ufpb.br/jspui/handle/tede/6953>. Acesso em: 23 set. 2022.

ATLAS DA VIOLÊNCIA 2020. Brasília: Rio de Janeiro: São Paulo. Disponível em: https://www.ipea.gov.br/portal/images/stories/PDFs/relatorio_institucional/200826_ri_atlas_da_violencia.pdf. Acesso em: 23 set. 2022.

BARDIN, Laurence. **Análise de Conteúdo**. São Paulo: Edições 70, 2016.

BRASIL. **Lei Maria da Penha**. Lei nº 11.340, de 7 de agosto de 2006. Brasília, DF. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2004-2006/2006/lei/111340.htm. Acesso em: 23 set. 2022.

DEFENSORIA PÚBLICA DO ESTADO DE SÃO PAULO (DPESP). **Guia Rápido Direitos das Mulheres e Covid-19**. DPEP, 16 abr. 2020. Disponível em: https://www.defensoria.sp.def.br/documents/20122/301164/nudem_1.pdf/5afd9dc9-190d-bcfb-c51d-843234b82ea7?t=1646405737471. Acesso em: 24 set. 2022.

FÓRUM BRASILEIRO DE SEGURANÇA PÚBLICA. **Nota técnica violência doméstica durante a pandemia de Covid-19 - ed. 2, 29 maio 2020**. Disponível em: <https://forumseguranca.org.br/wp-content/uploads/2020/06/violencia-domestica-covid-19-ed02-v5.pdf>. Acesso em: 25 set. 2022.

IBDFAM (Instituto Brasileiro de Direito de Família). **Cerca de 2 em cada 100 brasileiros são transgêneros e não binários**, revela pesquisa. IBDFAM, 1 fev. 2022. Disponível em: <https://ibdfam.org.br/noticias/9307/Cerca+de+2+em+cada+100+brasileiros+s%C3%A3o+transg%C3%AAneros+e+n%C3%A3o+bin%C3%A1rios%2C+revela+pesquisa#:~:text=Cerca%20de%202%25%20da%20popula%C3%A7%C3%A3o,ao%20g%C3%AAnero%20feminino%20ou%20masculino>. Acesso em: 24 set. 2022.

IBGE EDUCA. **Conheça o Brasil - População**. Quantidade de homens e mulheres. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/conheca-o-brasil/populacao/18320-quantidade-de-homens-e-mulheres.html#:~:text=Segundo%20dados%20da%20PNAD%20Cont%C3%ADnu,51%2C8%25%20de%20mulheres>. Acesso em: 25 set. 2022.

INSTITUTO SOU DA PAZ. **Arma de fogo é principal instrumento usado para tirar vida de mulheres no Brasil, revela relatório do Instituto Sou da Paz**. São Paulo, SP, Instituto Sou da Paz, 5 ago. 2021. Acesso em: <https://soudapaz.org/noticias/arma-de-fogo-e-principal-instrumento-usado-para-tirar-vida-de-mulheres-no-brasil-revela-relatorio-do-instituto-sou-da-paz/>. Acesso em: 25 set. 2022.

LEITÃO, Glória da Conceição Mesquita. **Crenças argumentais de mulheres que sofreram agressão de seus maridos ou companheiros**: estudo comparativo no campo da análise transacional, realizado com populações atendidas na segunda delegacia de polícia de defesa da mulher, e no centro de saúde Rubens Monteiro Arruda; São Paulo, (SP), 1988. Tese (Doutorado em Saúde Pública) – Faculdade de Saúde Pública da Universidade de São Paulo (USP). São Paulo, SP, 1991. Orientador: Prof. Dr. Armando Piovesan. Disponível em: <https://teses.usp.br/teses/disponiveis/6/6135/tde-09012018-150556/pt-br.php>. Acesso em: 25 set. 2022.

MACKINNON, Catharine A. **Feminism unmodified**. Cambridge, Massachusetts: Harvard University Press, 1987. Disponível em: <https://www.feministes-radicales.org/wp-content/uploads/2010/11/Catharine-MacKinnon-Feminism-Unmodified.-Discourses-on-life-and-law.pdf>. Acesso em: 24 set. 2022.

LIMA, Everton. **Violência contra as mulheres no contexto da Covid-19**. IFF/Fiocruz, 2021. Disponível em: <https://portal.fiocruz.br/noticia/violencia-contra-mulheres-no-contexto-da-covid-19>. Acesso em: 25 set. 2022.

OMS - Organização Mundial da Saúde. **Relatório mundial sobre a prevenção da violência 2014**. Disponível em: <https://nev.prp.usp.br/wp-content/uploads/2015/11/1579-VIP-Main-report-Pt-Br-26-10-2015.pdf>. Acesso em: 25 set. 2022.

VALENÇA, Manuela A.; MELLO, Marília M. P. de. “Pancada de amor não dói”: a audiência de custódia e a visibilidade invertida da vítima nos casos de violência doméstica. **Rev. Direito e Práx**, Rio de Janeiro, v. 11, n. 2, p. 1238-1274, 2020. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rdp/a/QX593TYrdzwZn9NyQ8VyGpk/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 23 set. 2022.

VIOLÊNCIA intrafamiliar: orientações para a prática em serviço. Secretaria de Políticas de Saúde. Brasília: Ministério da Saúde, 2002.